

RESENHA. RASTEIRO, João. **Pequena retrospectiva da encenação/Pequeña retrospectiva de la puesta em encena.** Espanha: Editora Lastura, 2014. 77p.

Letícia de Oliveira Galvão (Mestranda em Estudos da Linguagem pela UEPG)

Publicado em edição bilíngue (Português/Espanhol) no ano de 2014, na Espanha, a *Pequena retrospectiva da encenação* estrutura-se a partir da seleção dos melhores poemas de João Rasteiro. Este autor, contando com um conjunto de dez livros publicados até então, reafirma novamente através desta bela retrospectiva a força da poesia na contemporaneidade e influi por entre seus versos o resultado de sua busca pelo verdadeiro “eu poético”.

Nascido em Ameal (Coimbra), em 1965, Rasteiro é reconhecido mundialmente como um grande poeta, ensaísta e tradutor sendo Portugal sede das suas maiores produções. Desde 2001, quando publicou seu primeiro livro *A respiração das vertebras*, sua inspiração nunca mais se bastou e, por consequência, o espetáculo tornou-se parte de sua poesia e ela por sua vez relacionou-se com as sensações e as performances incitadas por uma peça teatral, na qual os versos são os próprios atores das fábulas infundáveis contadas nesta sua nova obra.

O autor conta com uma carreira premiada nos mais diversos concursos de poesia na Europa, como o primeiro prémio na categoria para autores estrangeiros, no Concurso Internacional “Premio Poesia, Prosa e Arti Figurative – II Convívio” (2004), na Itália e o Prémio Literário Manuel António Pina (2010), em Portugal, além de muitos outros. Com uma bagagem de conhecimento provinda de seus estudos literários, desta vez, Rasteiro se propôs a construir uma obra que mescla a prática da escrita com os elementos de um espetáculo teatral.

Pequena retrospectiva da encenação é uma obra breve escrita sob os três pilares da construção imagética da encenação que acabam por abranger toda a solicitude do se fazer refletir. O poeta propõe ao leitor uma busca incessante pelas perspectivas do pensamento “como quem, sendo eco, morderse a terra” (p. 18) ligando sua poética a performance provinda da Grécia e que parece reforçar o sentimento de retrospectiva em seu mais

específico teor, mas que em muito se mescla a contemporaneidade da estrutura, do som e do sopro da palavra em verso.

Neste livro, o autor buscou reunir seus melhores poemas já publicados e, dentre os escolhidos estão nomes como *A dança das mães* (*No centro do arco*, 2003), *Poema dos jardins ausentes* (*O búzio de Istambul*, 2008) e *A elegia da obscuridade* (*Elegia*, 2011), além disso, há alguns poemas inéditos elaborados especialmente para esta edição, como *Espera um pouco*, *A um velho corpo* e *As novas criaturas I* que acabam por complementar um conjunto de vinte e quatro escritos apresentados na obra.

Como Aristóteles (2005, p. 28) muito bem comentou em *A poética clássica* “a obra do poeta não consiste em contar o que aconteceu, mas sim coisas quais podiam acontecer”, dessa forma, observa-se com mais clareza que Rasteiro não se tende a intencionar o leitor a entender seus poemas, afinal isso pode não ser possível, mas sim deseja incessantemente que se possa vivenciá-la a partir de suas percepções, como um “poema vazio” que até mesmo em branco cumpre seu papel.

Já em sua estrutura poética, encontramos intrínseco como referencial de encenação a separação dos poemas em momentos que metaforicamente permeiam a representação do ser, são eles chamados de *Skenê*, *Proscenium* e *Thymele*, termos provindos das três partes constituintes do teatro grego que, inseparáveis, faziam a fábula clássica se transfigurar em peça.

Curiosamente, a construção da obra a partir destas três temáticas enquadra-se na posição dos espectadores ao visualizar uma peça de teatro, onde o olhar da platéia inclina-se a focar, inicialmente, no plano de fundo do cenário e, posteriormente, nos atores e nos elementos visuais que ficam mais a frente.

Permeando então esta “fachada” da poesia lida em *Skenê*, notamos o olhar do eu-lírico sobre o seu ambiente, o qual constrói através dos versos a noção de uma “mão que escreve” e incita a reflexão sobre os mistérios do mundo, para tanto, o cenário teatral invocado torna-se um cenário poético onde a base para o momento mais importante da obra toma forma para ascendê-lo, de forma a ser uma “oferenda às entranhas”.

A temática apresentada na *Skenê* induz o leitor a repensar a sua concepção de “amor”, sentimento que surge tão logo quanto a palavra “flor” em grande parte dos poemas trazidos nesse primeiro momento da obra. Nota-se que se pode decifrar esta relação a partir da ideia de uma possível pureza ou, como afirma o autor, uma “nudez”, a qual compara a inocência e o desejo de amar com a beleza do desabrochar de uma flor.

Em um movimento de revelação, Rasteiro traz em seu segundo conjunto de poemas o chamado *Proscenium*, nome que se remete ao centro de um espetáculo teatral ou mesmo, a representação do próprio poeta onde a subjetividade do ser e o corpo se mesclam com o cenário em *Skenê*.

Neste momento, o eu-lírico observa o amor a partir de uma elevação do espírito tendo a morte como renascença, estabelecendo possíveis relações entre o ser humano e a prática poética através do desejo inalcançável onde o leitor é inserido e interage para que esta relação aconteça. Durante esse processo “a construção do saber parte da visão à análise, do universal às diversidades culturais, do momento instantâneo à mediação de nossos sentidos” (URSSI, 2006, p.82) sendo verossímil tanto para o autor quanto para o leitor do poema.

Em *Proscenium*, o poeta relaciona o ser humano à constituição de uma poesia utilizando várias vezes de um conjunto de palavras que representam partes do corpo, como coração, olhos, língua e garganta para elaborar sua ideia. Através deste tema, o ato de escrever é visto como uma “divina pestilência” e a inspiração sob o aspecto de um desejo a ser alcançado a partir das percepções e das sensações em vida, “pois é aí que o viajante se faz voz / e se alimenta do nada que julga ser tudo/ ameaçando os céus em sua loucura” (p. 34).

Thymele, que já foi há séculos atrás a maior das homenagens ao Deus grego Dionísio nos espetáculos da Antiguidade Clássica retrata, na obra, a ligação entre o homem e o sagrado. Essa simetria acaba por promover um retorno ao espaço natural e a religiosidade, porém a percepção religiosa aqui representada torna-se parte do eu poético que estabelece uma necessidade de se encontrar como seguidor de algo que vai além de si mesmo, “como uma obra de arte a ser elaborada com rigor” (MAGALDI, 2002, p. 58), a qual só poderá ser feita baseada da junção entre corpo e espírito, homem e Deus.

Como em um ato final, visualiza-se a construção poética de *Pequena retrospectiva da encenação* de forma interminável onde o autor conecta todas as partes de si, alicerçando a *Skenê* a uma forma semelhante ao corpo, traz *Proscenium* como os membros e, por fim, *Thymele* se firma no próprio espírito, a origem da grandiosidade dos versos. Propositalmente, encerra-se a obra com um poema em formato de prosa no qual o “desconcerto de Deus” remete-se aos desejos obscuros da humanidade, na qual a liberdade surge pela desobediência e se funde de forma a “acender o mundo”.

Assim, a obra de Rasteiro reflete ao leitor a unificação de várias percepções do poeta frente à sua própria escrita e, sob o fechar das cortinas da *Pequena retrospectiva da encenação*, nos deparamos com a poética das sensações em uma época em que a escrita tem o poder de “organizar a visão que temos do mundo” (CANDIDO, 2011, p. 179), como um personagem que se equilibra sobre uma roda em sua apresentação, imagem surgida na capa do livro onde, afinal, o autor apenas deseja ser esta figura, este ator que busca abranger um número maior de leitores/espectadores, maior até que sua capacidade de escrever. Por fim, com a leitura finalizada, a expectativa para a próxima obra de João Rasteiro torna-se estimulante.

Fecham-se as cortinas.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **A Poética Clássica**. Trad. Jaime Bruma. 12ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2005.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

MAGALDI, Sábato. **Iniciação ao teatro**. 5º ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

URSSI, Nelson José. **A linguagem cenográfica**. Tese (Mestrado em Artes) – Escola de comunicações e Artes da Universidade Estadual de São Paulo. São Paulo: USP, 2006.

Recebido em 22 de Abril de 2018

Aceito em 23 de Setembro de 2018